

Nawal El Saadawi sobre feminismo, ficção e a ilusão da democracia

Introdução: Uma vida de dissidência

Krishnan Guru-Murthy: Estou encantado em ter a chance de conversar com você um pouco sobre os eventos de sua vida, porque foram 86 anos muito cheios. Como você se descreve?

Nawal El Saadawi: Bem, eu me descrevo como um ser humano, uma escritora, sim, uma dissidente, uma mulher, você sabe, uma pessoa que está tentando se expressar verdadeiramente e pagar com sua vida para dizer aquilo em que acredita.

Krishnan Guru-Murthy: Você nasceu rebelde? Quero dizer, você diz que é uma dissidente. Você nasceu dizendo não e não fazendo o que lhe diziam?

Nawal El Saadawi: Sim, acho que sim. Acho que dissidentes, parte disso é genético. Minha avó era revolucionária. Ela era uma camponesa na aldeia. Era analfabeta, mas era revolucionária. Então estava nela, em seu sangue. Então eu peguei parte de seus genes em meu sangue, em meu corpo. Mas parte também é adquirida, adquirida através de treinamento, leitura, viagem. Então são as duas coisas, parte genética e parte adquirida.

O despertar para o patriarcado

Krishnan Guru-Murthy: Em sua autobiografia, você fala sobre, como uma menina muito jovem, estar ciente do patriarcado.

Nawal El Saadawi: Quando fui para a escola, quando tinha seis anos de idade, o professor me disse: escreva seu nome. Então escrevi Nawal. Ele disse: não, escreva seu nome completo. Então eu disse Nawal Zainab. Essa é minha mãe porque ela foi quem me ensinou o alfabeto. Então escrevi Nawal Zainab. Ele riscou o nome da minha mãe muito severamente, muito cruelmente e disse: não, risque este nome.

Escreva o nome de seu pai e avô, o pai. Neste momento, algo se iluminou. Por quê? Por que o nome da minha mãe é riscado? Por quê? Por que o nome da minha mãe é riscado? Por quê? Embora ela seja a que me deu à luz, que me ensinou a ler e escrever, tudo. E você teve essa sensação de injustiça mesmo então como uma menina pequena? Sim, senti injustiça. É injusto. É cruel, injusto. Então eu me rebelei.

A partir daquele momento, comecei a sentir que sou uma dissidente. Não vou aceitar isso. De jeito nenhum.

Infância e resistência ao casamento precoce

Krishnan Guru-Murthy: Conforme você crescia, os direitos das mulheres, o feminismo era algo de que você estava ciente? Não, não. Nos anos 1940?

Nawal El Saadawi: Meu pai e minha mãe eram relativamente liberais, não como outros pais, porque aos 10 anos, minhas primas foram casadas. E até tentaram me casar quando eu

tinha 10 anos. Mas me rebelei contra isso, porque amava a educação. Eu queria ir à escola. E minha mãe me apoiou, e meu pai me apoiou um pouco.

Mas a família estava manipulando, querendo que eu me casasse como todas as outras meninas. Mas eles não conseguiram, porque eu me rebelei, e também minha mãe ficou do meu lado, e porque eu era muito boa na escola. Então continuei minha educação e fui para a escola médica, para a faculdade de medicina. Mas durante esse tempo, durante os anos 30, quase todas as meninas da minha família se casaram quando eram muito jovens.

Krishnan Guru-Murthy: O que você pensava dos homens quando tinha 10, 11, 12 anos, e eles estavam tentando te casar?

Nawal El Saadawi: Quando eu era muito jovem, eu os odiava. Vou te dizer por quê. Porque meu irmão, que era um ano mais velho que eu, e ele não era bom na escola, ele era preguiçoso. Ele foi mimado como um menino, então não estudava bem, não trabalhava em casa. Eu estudava bem, trabalhava em casa e então ele era recompensado com liberdade, ele saía quando queria. Então eu senti que o odiava porque ele tinha muitos privilégios, muitos privilégios apenas porque era um menino. Então eu estava com raiva dele e estava com raiva de Deus também, porque minha família dizia, é isso que Deus disse, ele é um menino.

Krishnan Guru-Murthy: Essa sempre foi a resposta, é a vontade de Deus.

Nawal El Saadawi: Sim, eles não tinham uma resposta exceto isso é o que Deus disse, que ele é um menino, ele deveria ter o dobro do que você tem.

A universalidade da opressão religiosa

Krishnan Guru-Murthy: Isso ainda é o que as pessoas dizem em todo o Oriente Médio, não é?

Nawal El Saadawi: Não o Oriente Médio, em todo o mundo.

Krishnan Guru-Murthy: Bem, talvez em todo o mundo. Em todo o mundo.

Nawal El Saadawi: Especialmente, acho, em países muçulmanos.

Krishnan Guru-Murthy: Se você questiona qualquer coisa e pergunta às pessoas, você sabe, por que isso está acontecendo? A resposta que você recebe muitas vezes é que é a vontade de Deus.

Nawal El Saadawi: É de Deus. É Deus, sim. Mas é universal, você sabe, porque vivi em países não-muçulmanos, cristãos, judeus, hindus. Eles também falam sobre Deus o tempo todo, não na Índia. Vivi na Índia alguns anos, mas não muito na Índia. Mas também as pessoas são orientadas a dizer que Deus faz tudo. Mas sim, especialmente em nossos países, Deus sempre está lá, interfere entre a esposa e o marido na cama. Deus interferia em tudo. Então a primeira carta que escrevi em minha vida foi para Deus, porque eu disse a ele, sim, Deus, você não é justo, e você me trata mal, e você trata meu irmão melhor do que eu, embora eu

seja muito mais inteligente do que ele. E isso não é justo. E se você não vai ser justo, não estou pronta para acreditar em você. Quando criança, escrevi isso. E acho que, depois disso, trabalhei como psiquiatra. Ainda trabalho. Mas quando perguntei a muitas mulheres e homens que vieram à minha clínica sobre sua infância, eles me disseram a mesma coisa, que havia um conflito entre eles e Deus quando eram jovens.

A escrita como expressão e mudança

Krishnan Guru-Murthy: Você disse que se vê como um ser humano, mas certamente como uma dissidente. Você é vista por milhões de mulheres e milhões de estudantes como uma feminista e como um ícone feminista. Sua escrita tem sido estudada por décadas. Em que ponto você decidiu escrever sobre a injustiça do patriarcado como você a via?

Nawal El Saadawi: Bem, acho que toda a minha vida. Mesmo quando eu era criança, tenho um livro que escrevi quando tinha 13 anos de idade porque tinha um diário, diário escondido, diário secreto, memórias de uma criança chamada assim. Então eu tinha, publiquei sobre uma criança. Então você vê como eu era muito contra o patriarcado porque o que é patriarcado. Patriarcado é esse padrão duplo, é essa moralidade dupla, lei dupla, é isso que um homem domina você apenas porque é homem e tudo isso. Então o feminismo não é algo que eu tenha que estudar. As meninas se tornam feministas sem saber o que é feminismo, você sabe. É isso. Então comecei a escrever sobre meus problemas, problemas de meninas, de minhas irmãs. No minuto em que peguei a caneta, comecei a escrever sobre isso.

Krishnan Guru-Murthy: Por que você estava escrevendo? Quero dizer, você estava escrevendo porque tinha que se expressar ou porque queria mudar as coisas?

Nawal El Saadawi: Na verdade, para me expressar, esse é o número um. Eu não estava muito consciente de mudar quando era jovem. Eu só queria me derramar para fora, a raiva para fora, o medo para fora, a hostilidade para fora, tudo para fora, para tirar isso de dentro, para me livrar disso. Depois que cresci e depois que estudei medicina e me tornei consciente, lentamente comecei a pensar que quero mudar algo. Quero mudar o mundo inteiro. Mas o que você queria mudar? Por que eu queria mudar? Porque aonde quer que eu vá, há injustiça. É um mundo cheio de injustiças. Cada passo em casa, na rua, como os meninos me tratam na rua. Quando eu era criança carregando minha bolsa indo para a escola, crianças do sexo masculino na rua costumavam jogar pedras no meu peito, você sabe, me jogar pedras especialmente no meu peito porque sou uma menina saindo, você sabe. Então eu estava furiosa. Então carreguei pedras e joguei neles. Eu também era agressiva. E quando descobriram que sou tão agressiva quanto eles, ficaram com medo de mim, você sabe? É por isso que comecei a ser dissidente. Senti que ser agressiva, ser dissidente, atacar as pessoas que me atacam é bom. Eu não deveria me submeter porque os meninos ficaram com medo e fugiram de mim. Eles nunca mais me apedrejaram depois disso.

O feminismo histórico e socialista

Krishnan Guru-Murthy: Então você viu um de seus trabalhos na vida como sendo mudar o mundo?

Nawal El Saadawi: Sim, claro. Claro. Inconscientemente. Quando eu era criança, quando era uma menina na escola secundária, quando estava na faculdade de medicina, queria mudar o mundo inconscientemente. Mas depois disso, depois que me formei, depois que trabalhei, comecei a organizar mulheres. Comecei a entender o benefício da organização.

Não posso mudar o mundo sozinha. Devemos ter uma grande organização. E essas pessoas que estão organizadas devem estar cientes de seus direitos. É por isso que comecei a escrever seriamente sobre os direitos das mulheres. Então veio gradualmente, gradualmente, gradualmente veio.

Krishnan Guru-Murthy: Você teve uma organização para mulheres.

Nawal El Saadawi: Tivemos uma organização que foi banida.

Krishnan Guru-Murthy: Foi banida. E por que você acha que foi banida?

Nawal El Saadawi: Por que o governo a baniu? Porque quando Sadat me colocou na prisão, porque minha vida continuou assim, que minha dissidência aumentou. Quanto mais eu lia, quanto mais eu vivia, sentia a injustiça mais e mais.

Krishnan Guru-Murthy: O que você estava pedindo? Qual era o objetivo de sua organização?

Nawal El Saadawi: Nossa organização era para libertar as mulheres, não apenas como o que chamamos de feminismo liberal. Não, temos que libertar as mulheres economicamente, socialmente, psicologicamente, fisicamente, religiosamente. Então nosso feminismo, nos chamávamos de históricas. Esse é o slogan do nosso grupo, feministas socialistas históricas, porque estudamos história e entendemos que a opressão das mulheres não é específica do Egito ou do povo árabe.

É histórica. Está em todos os lugares, em todos os países. As mulheres estavam se rebelando em todas as religiões, na Índia, no Egito, sob o hinduísmo, sob o judaísmo, sob o cristianismo ou o Islã. As mulheres estavam lutando por seus direitos. Então nos chamamos de históricas. O feminismo não é uma invenção ocidental. O feminismo não foi inventado por mulheres americanas, como muitas pessoas pensam. Não, o feminismo está incorporado na cultura e na luta de todas as mulheres em todo o mundo. Então nos chamamos de históricas. E nos chamamos de socialistas porque somos contra a classe dominante. Somos contra o patriarcado, não os homens. Não somos contra os homens. Somos contra o patriarcado, o sistema patriarcal, a dominação dos homens na religião, na economia, na cultura, tudo, na ciência. É por isso que nos chamamos de feministas socialistas históricas.

A participação masculina no movimento

Krishnan Guru-Murthy: E essa organização aterrorizou os homens no poder, não foi?

Nawal El Saadawi: Aterrorizou, sim, claro. Aterrorizou-os, por isso eles a baniram e, de fato, estávamos prestes a criar uma revolução porque tínhamos 40 homens, tínhamos 40, não éramos todas mulheres, homens também estavam se juntando, tínhamos 40 homens e jovens muito entusiasmados com esses pontos. Por que eles estavam se juntando? Por que os homens estavam se juntando? Porque eles sentiram que os homens também são oprimidos pelo patriarcado, que o patriarcado oprime tanto homens quanto mulheres, não apenas mulheres. Eles entenderam, e eu estava escrevendo sobre isso. E eles também eram contra classe, contra o capitalismo. E eles amavam muito a ligação entre a opressão de classe e a opressão das mulheres.

Então isso os iluminou. E muitos deles eram socialistas, porque alguns deles eram marxistas, porque os marxistas não se juntaram a nós. Os marxistas não se juntaram às mulheres árabes porque disseram: não, não, não, não, as mulheres não devem ter uma organização especial. Não, e as mulheres não têm causa. Automaticamente, elas serão libertadas se tivermos comunismo.

Então não concordamos com isso. Mas os socialistas, os jovens socialistas que queriam vincular a opressão de classe, a opressão econômica, à opressão das mulheres, à opressão de gênero e à opressão sexual, eles se juntaram a nós.

Crítica ao marxismo e à integridade

Krishnan Guru-Murthy: Por que você não era marxista?

Nawal El Saadawi: Bem, porque li Marx. Porque muitas pessoas que são marxistas nunca leram Marx, nunca. Porque eu li. É por isso que não sou marxista. Não sou religiosa, porque estudei religião. Quanto mais você estuda religião, você se torna não-religioso. Quanto mais você estuda Marx, você se torna não-marxista, porque você conhece os defeitos da teoria e também as contradições. E o próprio Marx não era marxista, você sabe, ele não era marxista. E também, olho para a vida, a vida privada do escritor, ou do filósofo. O próprio Marx era muito patriarcal, muito patriarcal. Ele até teve um filho ilegítimo e não respeitou sua mulher. Então eu gosto de integridade. Não posso acreditar em um filósofo que fala sobre justiça e depois trata sua mulher muito cruelmente ou não reconhece seu filho. Você sabe, eu faço isso. Não separo entre vida privada e vida pública.

A situação das mulheres hoje

Krishnan Guru-Murthy: Quando você olha para as mulheres agora, especialmente no Egito e no mundo árabe, você acha que elas são mais livres do que você era?

Nawal El Saadawi: Sim, claro. Um grupo de mulheres e homens que são livres, você sabe, no sentido de libertação real. E temos no meio pessoas que estão presas entre ser libertadas e voltar atrás. E temos o terceiro grupo que volta atrás. Vou dar um exemplo para as mulheres. Por exemplo, no Egito, você encontra no Egito agora mulheres que estão completamente veladas, niqab, que seguem os grupos salafistas ou a Irmandade Muçulmana, e elas estão veladas, e se consideram um objeto sexual para o homem. Ele deve possuir-la e ela deve se cobrir. E isso é muito retrógrado, um setor bem grande na

sociedade é assim. Não apenas no Egito. Quero dizer, isso está acontecendo em todos os lugares, não é? Sim. É por isso que não separo entre o local e o global. Usamos agora uma palavra, glocal.

Krishnan Guru-Murthy: Mas muitas delas argumentariam com você quando você diz que elas se veem como objetos sexuais. Elas dizem, não, usamos isso porque nos empodera.

Nawal El Saadawi: Empodera elas.

Krishnan Guru-Murthy: É o que elas argumentam.

Nawal El Saadawi: Como? Bem, eu discuto com elas porque elas vêm à minha clínica e estão doentes por causa dessa cobertura. Essa cobertura. Porque ninguém gosta de cobrir a cabeça. E por que a cabeça? Então há muita hipocrisia. E também elas foram submetidas a lavagem cerebral. E também elas são oprimidas. Então elas não querem confessar que são oprimidas. É um problema psicológico.

Mas ainda assim algumas delas estão convencidas. Algumas delas estão convencidas. Conheci algumas delas que dizem, bem, eu concordo que meu marido pode se casar com quatro esposas. Eu concordo.

O véu e a nudez como duas faces da mesma moeda

Krishnan Guru-Murthy: O que você pensa quando uma mulher diz isso para você?

Nawal El Saadawi: Se ela concorda que seu marido pode se casar com quatro esposas, então eu pergunto a ela, seu marido pode permitir que você tenha quatro maridos? Ela diz, oh, não. Eu digo, por quê? Por que você aceita ser apenas um quarto, um quarto de uma mulher na vida de seu marido, e você não se permite ter esse direito? E ela começa a pensar, porque elas não pensam, elas foram submetidas a lavagem cerebral. E por causa do medo de Deus, o medo do fogo do inferno, ela diz, oh não, se eu acreditar nisso, vou para o fogo do inferno. Então vou para o inferno, e tudo isso. E isso é desde a infância. E então temos o setor que é livre, como minha filha, mente e corpo, e não americanizada.

Temos no meio as mulheres que são americanizadas e islamização com americanização, que ela cobre a cabeça, mas descobre a barriga, você sabe, e ela usa jeans azul, jeans azul muito apertado, e então ela cobre a cabeça. Então esta é a americanização e a islamização das mulheres em nossa região. E está continuando assim.

Krishnan Guru-Murthy: Por que você acha que isso está acontecendo e você acha que essas mulheres, esse grupo de mulheres, e há muitas mulheres assim em países ocidentais, onde você acha que elas se encaixam na escala de liberação?

Nawal El Saadawi: Primeiro de tudo, vivemos em um mundo. É o mercado. É o capitalismo. As mulheres são uma mercadoria. As mulheres são mercadoria. Somos mercadorias. Homens e mulheres. Neste grande mercado, mercado capitalista. Então, de acordo com o mercado capitalista, as mulheres devem ser cobertas e descobertas. Para ser coberta porque muito dinheiro virá do véu. Para ser descoberta porque muito dinheiro virá da

nudez. Você descobre que, de fato, nudez e véu são dois lados da mesma moeda, têm a mesma mensagem.

Porque quando você vela uma mulher, você a vela. Significa que ela é apenas um corpo a ser coberto. Porque você não vela uma mente, você vela um corpo. Quando você torna um corpo nu, significa que ela é um corpo, porque você não torna uma mente nua ou não nua. Então essa concepção de mulheres como apenas um corpo, mercadoria para homens no mercado, no mercado capitalista, trará lucro.

Você sabe, o véu das mulheres trouxe muito lucro para o mercado, mercado capitalista. E a nudez das mulheres e sua maquiagem, tudo, tudo isso, a mulher pós-moderna, traz muito lucro para o mercado. Então você vê como as mulheres são usadas no mercado pela religião ou pelo modernismo ou pós-modernismo.

A cumplicidade feminina na opressão

Krishnan Guru-Murthy: E as mulheres, outras mulheres são cúmplices nisso?

Nawal El Saadawi: Sim. Você quer dizer que a mãe oprime sua filha? Oh, sim.

Krishnan Guru-Murthy: E outras mulheres?

Nawal El Saadawi: Sim, sim, sim. Mas geralmente escravos, esta é a mentalidade escrava, psicologia escrava. Geralmente os escravos se odeiam e lutam entre si para agradar o mestre. Eles querem agradar o mestre. Então as mulheres querem agradar o homem, o mestre. E é por isso que elas oprimem suas meninas ou oprimem mulheres.

A escrita como respiração

Krishnan Guru-Murthy: Em sua vida, você tentou muitas maneiras diferentes de ser uma dissidente. Você organizou mulheres em organizações políticas. Sim. Você trabalhou como médica tentando ajudar mulheres na sociedade pobre. Mas então você também se tornou escritora. Por que você sentiu que queria se expressar como escritora? E qual era a ligação entre isso e ser uma dissidente?

Nawal El Saadawi: Bem, na verdade, comecei a escrever quando conheci o alfabeto. No minuto em que comecei a conhecer o alfabeto, minha mãe me ensinou o alfabeto. Comecei a ter um diário porque queria dizer algo secretamente contra minha mãe, contra meu pai, contra a escola, professores. Eu queria dizer algo, então mantive um diário.

Então eu era escritora, mas meu verdadeiro, verdadeiro sonho na vida, eu queria ser dançarina. Amo dançar como todas as crianças. Gosto de dançar, mas isso era um tabu. Gostava de arte, música, piano. Toquei piano, mas meu pai não tinha dinheiro para me comprar um piano. Então fiquei com o papel e a caneta para escrever. Então achei muito, muito agradável. Gostei de escrever, como música. Então continuei a escrever. E porque eu estava muito insatisfeita com o sistema, onde quer que eu vá, estou com raiva. Há muitas coisas que me humilham na sociedade, como menina, como mulher, até como ser humano.

Então comecei a me rebelar, me tornar uma dissidente. Foi completamente natural. Eu não fiz isso. Veio naturalmente assim.

Krishnan Guru-Murthy: Mas então por que escrever romances?

Nawal El Saadawi: Bem, porque não separo entre um romance ou uma autobiografia. Não separo entre fatos e ficção, você sabe. Eles são um.

Krishnan Guru-Murthy: Você acha que a ficção pode ter um efeito poderoso sobre um movimento dissidente?

Nawal El Saadawi: Depende de como você escreve, porque às vezes a não-ficção é muito poderosa. Eu tenho *A Face Oculta de Eva*, que é tão poderosa quanto *Mulher no Ponto Zero*, um romance. E minha autobiografia é tão poderosa quanto alguns dos meus trabalhos científicos. Então depende de como você escreve. Com paixão, com honestidade, você escreve não apenas para publicar ou ser conhecido ou ter dinheiro.

Você escreve porque é como respirar para mim. Você sabe, quando escrevo, é como respirar. Se paro de escrever, sufoco. Até na prisão, escrevi na prisão.

A mutilação genital e sua denúncia

Krishnan Guru-Murthy: Quanto de si mesma é necessário revelar? Você falou e escreveu sobre mutilação genital. E você falou sobre sua própria experiência quando era uma menina muito jovem. Quão necessário foi revelar sua própria experiência ao abordar esse tópico?

Nawal El Saadawi: É importante, você sabe. Eu escrevo, não apenas eu, acho que todos os escritores, eles escrevem de sua própria vida pessoal. É por isso que não separo entre um romance e autobiografia. Se você ler todos os escritores, você os encontra lá, mas eles se escondem, você sabe, mas eles estão lá. Então escrevi sobre mutilação genital feminina porque aconteceu comigo e estava acontecendo com as mulheres.

Escrevi contra a mutilação genital masculina. Não sou um menino, não sou um homem. Mas escrevi contra cortar crianças do sexo masculino porque tem efeito muito ruim em termos médicos e socialmente e psicologicamente. Então não é uma questão de que isso aconteceu comigo pessoalmente, mas é que, claro, se acontece comigo pessoalmente, serei mais apaixonada sobre isso.

Krishnan Guru-Murthy: Você acha que persuadiu as pessoas a não fazer isso?

Nawal El Saadawi: Claro. Muitas, muitas. Você sabe, agora no Egito, após a revolução de 2011, comecei a saber qual o impacto dos meus livros nas pessoas no Egito e no mundo árabe e até porque meus livros são traduzidos para outras línguas, até para a Índia. Lembro-me de meninas indianas lendo meus livros na Índia em inglês e elas vieram e se juntaram ao meu curso na América porque eu estava ensinando isso chamado criatividade e dissidência. Lembro-me de Maya, uma menina da Índia, ela me disse, li seu livro, *Mulher no Ponto Zero*. E quando li sobre seu curso, vim, me juntei ao seu curso. Então tem um impacto, sim.

Krishnan Guru-Murthy: Você agora entende por que as pessoas estavam fazendo isso ou ainda estão fazendo isso com seus filhos?

Nawal El Saadawi: É histórico. E eles estão ligados. É histórico porque eles cortam crianças. E por que partes do sistema genital, por que não a orelha? Por que o prepúcio, a cobertura, a cabeça do pênis? Por quê? Por que o clitóris, o órgão sexual? Por quê? Isso é histórico e relacionado ao patriarcado, à essência do patriarcado.

Krishnan Guru-Murthy: Por quê? Apenas explique isso.

Nawal El Saadawi: Sim. Qual é a essência do patriarcado? Em resumo, porque não posso dar uma palestra sobre isso, em resumo, é baseado na monogamia para mulheres e poligamia para homens. Esse é o patriarcado em duas palavras, monogamia para mulheres e poligamia para homens. Um homem pode ter mais esposas. Uma mulher, ela é forçada por lei, por poder, por assassinato, a ter um marido. Sob todas as culturas, sob todas as religiões, a monogamia é obrigatória. Mas as mulheres são como os homens. As mulheres são polígamas como os homens. Antes desta lei, é religiosa.

Krishnan Guru-Murthy: Então você acha que é apenas sobre tirar o prazer das mulheres?

Nawal El Saadawi: Sim, exatamente. Para atenuar e diminuir o prazer sexual das mulheres, cortar o clitóris, que é o tecido mais erétil do corpo. E por que cortar o prepúcio do homem? Tem uma história no judaísmo, mas também está relacionado sexualmente. Que humilhar o ser humano, é como castração. Por que eles castram seus escravos, você sabe? Por que eles cortam a área mais sensível do corpo do ser humano? Para humilhar diante dos deuses, porque os deuses precisam dominar o ser humano.

O exílio e a continuidade da luta

Krishnan Guru-Murthy: Posso perguntar sobre viver no exílio? Você teve que deixar seu país por muitos anos.

Nawal El Saadawi: Sim, 20 anos.

Krishnan Guru-Murthy: Por quê?

Nawal El Saadawi: Eu estava recebendo ameaças de morte o tempo todo, e o governo colocou guardas de segurança na frente da minha casa, mas escritores e pessoas dissidentes foram mortas por seus guardas. Então eu não tinha confiança no guarda que veio do governo, você sabe. Então meu marido, naquela época, ele me disse, você deve deixar o país. É por isso que saí, porque não queria ser morta.

Krishnan Guru-Murthy: Você foi capaz de continuar lutando enquanto estava no exílio?

Nawal El Saadawi: Sim. Quando estava no exílio, estava ensinando criatividade e dissidência na escola, em universidades. Continuei escrevendo e publicando. Não parei de jeito nenhum.

Krishnan Guru-Murthy: Mas você sentiu que estava sendo reprimida? Você sentiu que estava sendo subjugada?

Nawal El Saadawi: Bem, em um mundo como esse, você se comunica facilmente. Você tem o e-mail, você tem... Não, na verdade, não perdi muito a conexão. Fiquei conectada às pessoas. É por isso que quando voltei, encontrei pessoas que conhecem meu trabalho e já ao meu redor. E então me encontrei na Praça Tahrir. Então eu nunca, nunca fui realmente alienada ou exilada. Nunca fui exilada.

A Primavera Árabe e a ilusão da democracia

Krishnan Guru-Murthy: Porque você voltou pouco antes do que agora chamamos de Primavera Árabe.

Nawal El Saadawi: Sim, voltei em 2009. Sim. Como você se sente sobre a Primavera Árabe? Há duas visões. Algumas pessoas dizem que as revoluções no mundo árabe foram feitas pelos americanos. Como se a América tivesse conseguindo mover milhões de pessoas contra o Mubarak. Isso é ridículo. Porque você estava na Praça Tahrir. Você não pode mover milhões de pessoas. Então muitas pessoas pensam que foi americano, você sabe, algo assim. Não, foi uma revolução, mas foi abortada. De fato, foi abortada pelos EUA e Israel e o próprio governo, o governo local, porque eles tinham medo do povo.

Então eles tiveram que abortá-la. E eles a abortaram, mas não completamente, não completamente. Ainda há remanescentes do poder revolucionário no Egito e em todos os países árabes. E continuará. Continuará. Você não pode parar as pessoas. Você não pode parar as pessoas de jeito nenhum.

Krishnan Guru-Murthy: Em que ponto você acha que foi abortada? Quando foi abortada?

Nawal El Saadawi: Quando? Bem, eles tentaram trazer Morsi. Você sabe, você estava lá. Eles dizem que Morsi ou a Irmandade Muçulmana foram eleitos democraticamente no Egito. Isso é uma ilusão.

Krishnan Guru-Murthy: Por quê?

Nawal El Saadawi: Porque não há democracia no mundo. Vivi na América 20 anos. Não havia democracia. Bill Clinton não foi eleito democraticamente. Obama não foi eleito democraticamente. Eles estavam levantando fundos, fundos, dinheiro. Trump, Donald Trump não foi eleito democraticamente. Venha ao Egito. Você acha que Morsi foi eleito democraticamente? Foi muito dinheiro na Praça Tahrir. Vi Hillary Clinton na Praça Tahrir dar dinheiro, dólares. Eles queriam que a Irmandade Muçulmana estivesse no poder porque tinham medo de que essa revolução traria um governo muito revolucionário. Então eles disseram, não, a Irmandade Muçulmana é melhor. Vamos apoiar a Irmandade Muçulmana. Você sabe, poderes coloniais e poderes imperialistas, eles preferem uma revolução religiosa islâmica ao invés de uma revolução socialista.

Não há presidente democrático no mundo. E eu digo verdadeiramente, quem é o presidente democrático? Trump? Obama? Quem está aqui na Grã-Bretanha? Devemos ser claros. A

democracia é uma ilusão. Não podemos ter democracia em um sistema capitalista, imperialista, patriarcal, sistema religioso.

Krishnan Guru-Murthy: Por que não?

Nawal El Saadawi: Porque isso é, eles querem dinheiro. Porque se você remover a religião e o capitalismo e o imperialismo, então você terá socialismo e então nenhum governo estará lá, você sabe. Eles têm medo do poder real do povo. Você não pode ter democracia, por que o que é democracia? Democracia é liberdade real.

A importância da organização

Krishnan Guru-Murthy: Mas se você acredita que nenhuma dessas democracias são democracias. Por que as pessoas vivem com isso?

Nawal El Saadawi: Porque as pessoas são oprimidas. As pessoas não estão organizadas. Somos impedidos de nos organizar. Esse é o ponto-chave. Quando eu era uma escritora individual, mesmo que me tornasse famosa e estrela, eles me permitiam, mas não organizar. No minuto em que comecei a organizar mulheres e homens, me tornei um perigo. Vocês não estão organizados aqui. As pessoas aqui não estão organizadas.

Krishnan Guru-Murthy: Mas ninguém está impedindo a organização aqui.

Nawal El Saadawi: Mas eles impedem.

Krishnan Guru-Murthy: Nenhum governo vai vir e te prender ou te matar na Grã-Bretanha, vão?

Nawal El Saadawi: Mas de uma maneira sutil. Conheço o jeito americano. Você não pode se organizar nos EUA.

Krishnan Guru-Murthy: Por quê? O que vai acontecer?

Nawal El Saadawi: Porque o governo ficará na sua frente. Você não pode acabar com o capitalismo. Você não pode ter uma revolução socialista nos EUA. Você não pode. Eles te matam. Eles te matam.

Krishnan Guru-Murthy: Mas talvez não haja pessoas suficientes que queiram uma revolução socialista. As pessoas não querem revolução socialista. Você acha que há muitos socialistas na América?

Nawal El Saadawi: Muitas pessoas. A maioria das pessoas, todos os meus amigos lá são socialistas. Eles são contra Trump. Você sabe como milhões de pessoas estavam marchando contra Trump e não puderam fazer nada? Por quê? Porque as pessoas estavam marchando em milhões contra Trump e contra a guerra no Iraque e até contra a guerra na Palestina, em todos os lugares, mas não pararam nada. Por quê?

A mensagem para a mudança

Krishnan Guru-Murthy: Então qual é sua mensagem para todas essas pessoas? Como elas devem tentar mudar o mundo?

Nawal El Saadawi: Duas coisas. Organizar e reeducar as pessoas, tornar as pessoas conscientes. Porque as pessoas sofrem lavagem cerebral pela mídia, pela educação. As pessoas não sabem. Quando eu era professora na América, meus alunos que eram graduados, porque eu estava ensinando, visitei um ensino de graduação, eles não sabiam nada sobre política. Eles não são educados. Eles têm tecnologia, mas não são educados. Então você precisa tornar as pessoas conscientes, reeducá-las, ou “desensina-los”, “desensina-los”, erradicar a educação tradicional muito ruim. Isso é criatividade. Isso é o que eu estava ensinando. Criatividade para mim, e criatividade dissidente, era desensinar as pessoas para que elas começassem a conhecer os direitos, homens e mulheres, para se organizar.

Krishnan Guru-Murthy: Você acha que tem que escolher suas batalhas?

Nawal El Saadawi: O quê?

Krishnan Guru-Murthy: Escolher as batalhas. Então você falou sobre o patriarcado, falou sobre o capitalismo, fala sobre opressão religiosa. Você pode lutar em todas essas três frentes ao mesmo tempo, ou precisa escolhê-las uma por uma?

Nawal El Saadawi: Você precisa estar consciente, número um, porque dividir nos torna ignorantes. A educação é baseada em dividir a realidade, você sabe, em comportamentos. Eles dividem nossa cabeça. Você coloca aqui religião e aqui gênero e aqui medicina e aqui história. É por isso que terminamos sem saber nada. Mas a criatividade é unir, ligar.

E agora eles incentivam essa mídia social, que realmente fragmenta as pessoas. Eles querem fragmentar as pessoas.

Krishnan Guru-Murthy: Por que você acha que a mídia social fragmenta as pessoas?

Nawal El Saadawi: Porque elas estão sozinhas. Elas estão na prisão. Elas não se encontram. Não ajuda as pessoas a se organizarem? Às vezes. Às vezes. O Facebook e o Twitter e tudo isso ajudam a reunir pessoas, não a torná-las conscientes. Você sabe, é um trabalho muito difícil. É difícil e precisa de compromisso. Compromisso de que as pessoas não devem estar apenas orientadas para o benefício da família, da família biológica. Somos treinados para ser “nós mesmos”, “nossa interesse próprio”, nossos filhos, a família.

É por isso que eles pregam a família, o código moral da família, a família. Quando você vai aos Estados Unidos, você ouve o presidente falando sobre a família, a família. A família é adorada, a família. Então todo mundo está trabalhando duro e lutando para alimentar as crianças na família auto-orientada, mas não para abrir para a sociedade e ter uma organização socialista. Não, isso não está acontecendo. Podemos falar sobre isso, mas não acontece. Não acontece.

O otimismo e a luta perpétua

Krishnan Guru-Murthy: Você é muito pessimista então?

Nawal El Saadawi: Não, não sou. Não sou. Quem disse? Não sei. Porque você diz que não vai acontecer e não pode acontecer.

Nawal El Saadawi: Não, não, pode acontecer, mas precisamos de consciência e precisamos lutar juntos. Eu sou muito otimista porque a esperança é poder. Não acredito em pessimismo de jeito nenhum. Quando estava na prisão, eu tinha muita esperança e na pior situação nunca perco a esperança. Então precisamos continuar a luta localmente, global e local, porque não podemos lutar sozinhos no Egito. É uma batalha universal, batalha universal, mas tem que começar localmente e depois ligar. Sou muito apaixonada pela palavra ligar, conexão.

Krishnan Guru-Murthy: Esta é uma luta perpétua?

Nawal El Saadawi: É o quê?

Krishnan Guru-Murthy: Uma luta perpétua.

Nawal El Saadawi: Sim, sim.

Krishnan Guru-Murthy: Então, nesse caso, isso realmente acontecerá? O mundo que você quer ver mudará? Quando?

Nawal El Saadawi: Virá. Bem, não me importo com quando. Se você olhar para a história, se você olhar para a história, você não pode dizer quando. A história é história, você sabe? E a vida está mudando. E estamos agora muito melhores do que há 100 anos. Olhe para a história, e então você terá esperança. Você será muito otimista se olhar para a história, sim.

Seja esperançoso, você será muito otimista se olhar para a história.